

# *Lendo a Linha do Tempo*

**Roberta Rodrigues Aymar**

Uma das primeiras formas de consciência do indivíduo é a consciência do tempo. Não há uma só fração do tempo na história da humanidade, em que a preocupação com a sua fluidez não tenha perseguido, incômoda e perturbadoramente, a espécie humana, uma vez que sua incessante fluência impõe a irremediável interrogação sobre a finitude do ser.

É através do registro, da medida (contagem) e da contextualização que, de certa maneira, se efetiva uma espécie de catarse do indivíduo em relação à consciência da supremacia do tempo sobre sua existência. Existem outros tipos de catarse, como, por exemplo, os viabilizados pelo desenvolvimento técnico-científico (telecomunicação, telemática, engenharia genética, física quântica, etc.).

As artes também exercem um papel preponderante nesse processo catártico. A propósito, um exemplo marcante da superação da finitude do ser em relação ao tempo, através da criação e fruição estéticas, está cristalizado no quadro *Saturno*

*Devorando a un Hijo*, alegoria temporal idealizada pelo célebre pintor espanhol Francisco Goya y Lucientes (1746–1828), que, inspirado no mito romano de Saturno (Chronos para os gregos), sintetiza o drama humano frente ao caráter devorador do tempo. A força imagística do devorante é uma das mais inquietantes e provocadoras metáforas do tempo — expressão alegórica sem precedentes, que garantiu a imortalidade dessa obra de arte.

No intento de ultrapassar a apreensão do tempo a partir de vivências pessoais, de compreender e de assimilar a noção de tempo nas suas diversas dimensões, o homem, por meio da sua inata curiosidade e capacidade criativa, vem, incessante e metodicamente, investindo na invenção de sistemas de medição (calendários) e

---

1. Gnômon · conhecido também como relógio solar. Instrumento que mede a hora do dia, através da disposição de um estilete, uma coluna, uma haste, etc., na vertical sobre um plano horizontal, indicando a altura do sol ou da lua acima do horizonte.

na construção de aparelhos (gnômon,<sup>1</sup> clepsidra,<sup>2</sup> astrolábio,<sup>3</sup> ampulheta,<sup>4</sup> relógios, etc.) cada vez mais sofisticados e precisos para controlar com maior propriedade o passar do tempo, na tentativa de minimizá-lo como realidade abstrata, transformando-o em realidade concreta, passível de mensuração.

Medir, demarcar, controlar o tempo são experiências tão contínuas na existência das mais diversas formações sociais quanto o próprio movimento do tempo natural. Todavia, as sociedades não criam calendários e aparelhos de medição apenas como mais uma entre tantas tentativas de dominação dos movimentos e das transformações da natureza.

Há, além desses ensaios de materializar o tempo, uma intenção simbólica que ul-

---

2. Clepsidra ou relógio de água é um instrumento muito antigo de medição do tempo com formato constituído por dois cones, onde o gotejamento da água do cone superior para o inferior possibilitava a indicação da hora pela leitura do nível de água no compartimento de baixo.

3. Astrolábio é um instrumento de forma esférica com haste móvel, utilizado para medir a posição dos astros, como as estrelas, por exemplo. Tal utensílio foi amplamente utilizado pela navegação e como uma maneira de determinar a duração do ano.

4. Ampulheta ou relógio de areia, como é facilmente reconhecido, é um instrumento de medida do tempo formado por um recipiente de vidro, dividido em dois compartimentos cônicos simétricos ligados pelo vértice (um canal estreito), por onde passa uma substância (areia, água ou mercúrio) de um compartimento para o outro num intervalo de tempo determinado.

trapassa essa materialidade e revela uma necessidade imaterial de registrar, de interpretar e de entender o tempo na sua dimensão histórica, como produto cultural de diversas concretudes espaço-temporais. E é na cultura que surgem e interagem as mais diferentes concepções de tempo, como o tempo cíclico das sociedades agrárias, o tempo mítico da civilização greco-romana, o tempo escatológico ou teleológico do medievo. Tais concepções permitem driblar a idéia de linearidade embutida no tempo cronológico — único, singular e irreversível — e trazer à tona os diversos ritmos e da sua duração, incorporando as noções de permanência/continuidade, ruptura/descontinuidade e a dinâmica dialética desses processos, o que possibilita uma leitura ressignificada dos conceitos de mudança e transformação, agora, nessa perspectiva, não mais associados à idéia de linearidade e desenvolvimento progressivo.

Incorporar os diversos ritmos da duração do tempo (o tempo dos acontecimentos, das conjunturas, das estruturas) abre um leque de possibilidades de interpretação e reflexão do tempo cronológico. Aí ultrapassa-se a barreira da dimensão quantitativa, em que a datação serve apenas como registro delimitador e demarcador, para uma dimensão qualitativa desse registro, estabelecendo novas pontes entre passado e presente. O registro do tempo passa então a ter outros sentidos, como

lembrar, rememorar, celebrar, comemorar, cultivar, desconstruindo antigas visões e formulando novos significados.

As linhas do tempo, um dos recursos didáticos mais utilizados para a organização esquemática da História, podem, se bem construídas e dimensionadas, refletir sobre a diversidade e a complexidade dos diferentes povos e culturas.

Considerando o que a palavra *linha* sugere, a idéia que se faz, automaticamente, é de um traço contínuo e alongado, representando uma determinada extensão, delimitada ou não. Destarte, tal imagem remete à de linearidade — ao que se estende em linha ou em comprimento; ao que se projeta de forma linear.

Porém, partindo das múltiplas possibilidades de leitura temporal, as linhas do tempo podem assumir diversas feições ou tessituras que reflitam mais além do que a simples demarcação horizontal de acontecimentos instituídos e institucionalizados (os chamados fatos históricos), selecionados e avaliados pelo saber dominante, pela subjetividade ideológica e pelo direcionamento político de quem os seleciona.

Noutra direção, as linhas do tempo devem ousar na forma, na função e nos conteúdos (principalmente no teor dos conteúdos), distanciando-se do simples arrolamento de fatos inertes e amorfos, no intuito de refletir sobre as visões de mundo e os espíritos das épocas passa-

das e, sobretudo, na medida do possível, oferecer um panorama sobre dúvidas, questionamentos, indagações e outras demandas sociais do presente, em relação à dinâmica dos tempos passados.

Tal reflexão é um convite às novas e diferentes leituras sobre o tempo e, acima de tudo, sobre o encontro de culturas tão distintas, proporcionado a partir da presença holandesa no Brasil do século XVII (1630–1654): sobre um tempo, sobre o tempo — *O Tempo dos Flamengos* —, sobre um tempo do Brasil em que ainda há muito por se conhecer e se revelar.